

**POR UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MUSEUS INCLUSIVA:
CONHECENDO, ENTRE PISTAS E SINAIS, LIANA RUBI TERESA DE OCAMPO**

**POR UNA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN EN MUSEOS INCLUSIVOS:
CONOCER, ENTRE PISTAS Y SIGNOS, LIANA RUBI TERESA DE OCAMPO**

DOI 10.5281/zenodo.8311738

Patricia Gabriela Machado Barbosa¹

Ana Carolina Gelmini de Faria²

Resumo: Por meio da vivência de uma pesquisa de mestrado, o artigo analisa os desafios de mapeamento, diagnóstico e interpretação de vestígios de profissionais mulheres atuantes no âmbito museal que resultam, conseqüentemente, no silenciamento e mesmo o apagamento de suas contribuições nas áreas de interesse da Museologia. Os desafios compreendem desde a dissociação de documentos à ausência de registros de suas produções, pois, essas mulheres, embora apresentem amplo engajamento profissional e acadêmico, não foram valorizadas pelo campo como intelectuais a serem propagadas. Em um movimento afirmativo, a Museologia contemporânea tem construído debates entre Museologia e Gênero, estimulando uma revisão historiográfica, que valorize a participação das mulheres na história dos museus. Como estudo de caso, apresenta-se a trajetória da professora museóloga Liana Rubi Teresa de Ocampo (1932-2017), defensora de uma educação em museus inclusiva, já na década de 1970, que teve suas contribuições ausentadas, até então, nos estudos do tema por desconhecimento. Seu percurso acadêmico, produção e circulação de ideias reforçam a urgência de uma educação em museus de viés inclusivo. Defende-se a importância de pesquisas que tenham mulheres como enfoque para legitimar seus protagonismos na Museologia ao difundir de forma positiva suas participações e colaborações para a consolidação do campo.

Palavras-chave: Museologia e Gênero. História da educação em museus. Liana Rubi Teresa de Ocampo.

Resumen: A través de la experiencia de una investigación de maestría, el artículo analiza los desafíos de mapeo, diagnóstico e interpretación de las huellas de las mujeres profesionales que trabajan en el campo museístico que resultan, en consecuencia, en el silenciamiento e incluso el borrado de sus contribuciones en las áreas de interés de la Museología. Los desafíos van desde la disociación de los documentos hasta la ausencia de registros de sus producciones, porque estas mujeres, aunque presentan un amplio compromiso profesional y académico, no fueron valoradas por el campo como intelectuales para ser

¹ Museóloga (UFRGS/COREM 3R 0231-I), Mestranda em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS) e Graduada em Pedagogia (UFRGS). Bolsista de Demanda Social da CAPES e integrante no projeto de pesquisa, "História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes" (2022-Atual). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1217-7025>. Contato eletrônico: patricia.gabriela@ufrgs.br

² Museóloga (UNIRIO/ COREM 3R 166-I), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Coordenadora do projeto de pesquisa "História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes" (2022-Atual). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0727-9991>. Contato eletrônico: carolina.gelmini@ufrgs.br

propagadas. En un movimiento afirmativo, la Museología contemporánea ha construido debates entre Museología y Género, estimulando una revisión historiográfica que valora la participación de las mujeres en la historia de los museos. Como caso de estudio, presentamos la trayectoria de la profesora museóloga Liana Rubí Teresa de Ocampo (1932-2017), defensora de una educación museística inclusiva, ya en la década de 1970, que tuvo sus contribuciones ausentes, hasta entonces, en los estudios del tema por falta de conocimiento. Su carrera académica, producción y circulación de ideas refuerzan la urgencia de una educación en museos con un sesgo inclusivo. Defiende la importancia de la investigación que tiene a las mujeres como foco para legitimar sus protagonismos en Museología difundiendo de manera positiva su participación y colaboraciones para la consolidación del campo.

Palabras-clave: Museología y Género. Historia de la educación en los museos. Liana Rubi Teresa de Ocampo.

A participação das mulheres na história dos museus e da Museologia: por onde começar?

O texto que será lido nessas linhas é desdobramento de vivências ocasionadas no desenvolvimento do projeto de pesquisa “História dos museus e da Museologia através de seus agentes”³ e, conseqüentemente, das investigações de mestrado e iniciação científica, que partem de seus debates. Essa pesquisa, vinculada ao curso de bacharelado em Museologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma instituição (PPGMusPa/UFRGS), se desafia a investigar o itinerário de agentes e organizações que atuaram/atua na Museologia e nos museus, bem como suas contribuições na produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais, que legitimam o conhecimento produzido no campo museal. Seu maior enfoque é a educação museal, embora explore as diversas abordagens teóricas, métodos e técnicas, que fomentaram a proposta de legitimação dos museus como espaços científicos, educativos e culturais. Uma das fortes vertentes tem sido o estudo de profissionais mulheres que atuaram nos museus e/ou na construção da Museologia científica, reforçando a consolidação dos Estudos de Museologia e Gênero.

A presença da categoria de gênero, na produção historiográfica museal, tem comprovado que a memória das atuações profissionais é condicionada por marcadores

³ Pesquisa CAAE 58646822.5.0000.5347 aprovada pelo Comitê de Ética via Plataforma Brasil em 20 de junho de 2022.

sociais e culturais, que valorizaram por muito tempo uma escrita da trajetória dos museus e da Museologia protagonizada por autorias masculinas, que assumiram posições hierárquicas no campo e conduziram uma narrativa favorável aos seus interesses pessoais.

A desconstrução desta narrativa histórica como verdadeira, possibilitou a expansão de pesquisas sobre o sexo feminino que favoreceram o surgimento da História das Mulheres. [...] Deste modo, tornou-se imprescindível retirar o sexo feminino da clausura representada pela exclusão, pelo esquecimento e pelo privado, fato este que foi favorecido pelos trabalhos dedicados a demonstrar que as mulheres também faziam parte do processo histórico e que foram vítimas da injustiça e da marginalização. [...] Esse campo histórico se expandiu para o estudo sobre a mulher no seu cotidiano, trabalho, lutas, protagonismos, família, maternidade e sexualidade. A História das Mulheres passou a estudar as mais diversas formas de ser mulher, superando o primeiro momento de unificação enquanto categoria feminina e diversificando o campo de estudos acerca da feminilidade na história (LUNZ, 2018, p. 57-58).

A desnaturalização de um modelo de fazer história que relegou às mulheres uma posição de silenciamento, ou mesmo ausência, impulsiona-nos, enquanto pesquisadoras, a refletir sobre os desafios de desconstrução desse discurso, que privilegia a participação masculina, como uma atuação validada por ser, antes de tudo, homem, geralmente assegurado pelo imaginário da figura do intelectual. Tal processo nos leva ao que Ginzburg (1989) apresenta como método indiciário, compondo um conjunto de princípios e procedimentos, que contribuem na análise das experiências vivenciadas por mulheres atuantes nos museus por meio dos resíduos e dados marginais encontrados. Para o autor, esse modelo operante, denominado paradigma indiciário, aproxima as investigações de uma microanálise fundada no conhecimento científico do individual, baseado na redução de escala de observação. “Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano” (GINZBURG, 1989, p. 149-150, grifo do autor). No tocante a esses indícios, traz-se como desafio interpretativo investigar as evidências sob a perspectiva da História Cultural.

[A evidência] não é empiria pura que está ali esperando para ser capturada pelo conceito adequado, algo que tem voz própria esperando que alguém faça a pergunta correta para se manifestar. A evidência é produto de uma certa vidência, é construção de uma forma de ver, de uma visibilidade e de uma dizibilidade social e historicamente localizada. É o próprio conceito, é o discurso lançado sobre a empiria que a transforma em evidência. Nada é evidente antes de ser evidenciado, ressaltado por alguma forma de nomeação, conceituação ou relato. Os documentos são formas de enunciação e, portanto, de construção de evidências ou de realidades (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 25).

Cabe ressaltar que a interpretação dos indícios se dá no tempo presente, fator que produz uma narrativa orientada. “Esse trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão que o tece, da imaginação e habilidade de quem narra” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 31). Assume-se a urgência, na Museologia contemporânea, de valorizar o protagonismo feminino nos museus.

De todo modo, mudanças significativas têm ocorrido pautando este debate, seja através de atividades pontuais, isoladas ou engajadas, mas quase sempre advindas de iniciativas de pesquisadores, ativistas ou técnicos que atuam no campo museal. Pessoas que têm se comprometido individualmente com a construção de narrativas socialmente inclusivas em contraponto à reprodução do tradicional discurso patriarcal dado como universal. Da mesma forma, nota-se um crescimento recente de estudos sistemáticos ou regulares sobre gênero e museologia no país (SOMBRIO; QUEIROZ, 2018, p. 10).

Os Estudos de Museologia e Gênero encontram um cenário investigativo complexo. Pesquisas realizadas no Brasil já comprovaram que os museus tinham, desde o início do século XX, mulheres compondo o corpo funcional nessas instituições, a exemplo de Bertha Lutz (1894-1976), considerada a primeira profissional do campo, segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro e fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em 1922 (ALMEIDA, 2013). O Curso de Museus, formação especializada de nível superior no país, em 1932, sempre teve o gênero feminino como predominante (SIQUEIRA, 2009). Essa característica também se faz presente no corpo docente do curso que, após a primeira geração de docentes, foi gradativamente tendo um perfil feminino. Cabe ressaltar que alguns professores da

primeira geração se asseguraram na imagem de homem intelectual para lecionar temas especializados, referindo-se, a si, como autodidatas (SEOANE, 2022). A partir da segunda geração de docentes, cada vez mais composta por mulheres, estas tiveram a diplomação como um poder simbólico que lhes revestiram de autoridade, autonomia e respeitabilidade. Ou seja, em um cenário panorâmico, os homens alegavam ter aptidões pela vivência na esfera da cultura; já as mulheres precisaram dedicar anos de estudo em padrões acadêmicos para obterem legitimação profissional via aquisição do certificado escolar. Ainda assim, ao nos referir às atuações de mulheres, é comum seus itinerários serem evocados ao domínio da memória, e não da história. Elas são recordadas por meio da oralidade e, quando não há mais a presença de quem atuou com essas profissionais, caem em esquecimento.

Reforça-se que esse diagnóstico corresponde a uma orientação social naturalizada de forma intencional. É importante recordar que a profissionalização das mulheres por muito tempo era inviável. Simioni exemplifica que as mulheres que desejavam se formar artistas no Brasil, por exemplo, “[...] se deparavam com o fato de que, até 1881, não havia instituição pública alguma apta a acolhê-las como discentes” (2007, p. 95). Só nesse ano, que no país, foram autorizadas aulas no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro para mulheres, mas voltada ao artesanato, e não propriamente à formação de artistas mulheres. Era comum, nesse período, o discurso de que a profissionalização dessas mulheres iria “[...] auxiliar eficazmente o marido [...] nas despesas preciosas do lar” (SIMIONI, 2007, p. 95).

Ainda que esse discurso se fizesse presente, Nunes (2011) aponta que, na passagem do século XX, as políticas educativas dos países latino-americanos favoreceram a escolarização das mulheres, embora poucas tivessem acesso ao repertório do ensino superior. Algumas, obtiveram a formação acadêmica e conquistaram cada vez mais o espaço público, cultivando novas posições. “As mulheres intelectuais romperam com a tradição que confinava o trabalho feminino dentro de casa ou em posições subalternas e dependentes do domínio masculino fora de casa” (NUNES, 2011, p. 167).

Esse movimento, ascendente, em nada foi harmônico e tem por marca a militância das mulheres para assumir novas posições sociais entre os gêneros. Legitimá-las, como detentoras e produtoras de conhecimento, é um processo simbólico ainda em construção.

O estudo de trajetórias de mulheres nas ciências tem nos ajudado a questionar a fixidez desses papéis, mostrando que existiam identidades mais flexíveis em relação aos padrões de gênero impostos e que a própria historiografia contribuiu com a construção de uma invisibilidade em torno das atividades das cientistas ao não abordar espaços, disciplinas e práticas nas quais elas atuavam produzindo e divulgando conhecimento. Para ir ao encontro das experiências de mulheres cientistas é preciso olhar para a ciência de forma mais ampla, incluindo os espaços de assistência, os grupos e as comunidades de pesquisa, os sucessos e insucessos, as disciplinas menos valorizadas, a divisão de trabalhos, a compreensão acerca das hierarquias de poder e, dessa forma, encarar a produção de conhecimento científico como uma prática ampla e coletiva que se transforma e é definida de acordo com contextos históricos, sociais e políticos específicos. A incorporação de âmbitos relegados às mulheres e o conhecimento acerca dessas trajetórias pode ampliar nossos conceitos sobre as ciências, seus valores, suas formas de produção e sua história (SOMBRIIO, 2018, p. 89).

Uma das atuações de potência para uma percepção ampliada das experiências de mulheres cientistas é a docência. Historicamente considerada uma profissão oportuna, por ser compatível às atribuições associadas ao papel da mulher no lar, ao longo do século XX, foi sendo ressignificada por conta das próprias conquistas femininas, como melhoria na sua formação em nível superior e novos desafios impostos pela contemporaneidade. São desdobramentos de uma percepção mais crítica e participativa da sociedade diversificada que estamos inseridos.

Percebemos um novo desenho social da docência feminina, com o tempo a mulher evoluiu e conquistou novos espaços, buscando se libertar da submissão imposta pelo universo masculino. A diversidade de mulheres que existe no meio acadêmico e educacional é um fato que pode ser considerado importante para a construção de novos conhecimentos e também pela adoção de novas posturas femininas no ambiente de trabalho (SOUSA; SALUSTIANO, 2018, fl. 7).

Liana Rubi Teresa de Ocampo, uma das profissionais mulheres atuantes na Museologia, é um exemplo do diagnóstico acima delineado. Seu conhecimento por parte das autoras se deu da forma mais inusitada, porém, mais recorrente, quando se refere à oportunidade de conceder visibilidade às profissionais mulheres em museus: a informalidade da narração de fatos. Uma das autoras desse texto, Ana Carolina Gelmini de Faria, na primeira década dos anos 2000, fez um curso de braile na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com um professor cego. Tendo conhecimento que a estudante cursava Museologia, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ele a presenteou com um texto que ganhou, sobre cegos nos museus, quando foi diagnosticado com perda gradativa da visão.

Em 2018, perto de uma década após esse episódio, a estudante, agora formada e na condição de professora/pesquisadora, trocou informações dos possíveis nomes a serem investigados com o professor Ivan Coelho de Sá, coordenador do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS), criado em maio de 2005, na Escola de Museologia, da UNIRIO, *campus* Rio de Janeiro. Nessa conversa, o nome de Liana Ocampo veio à tona pela primeira vez, uma docente, nas palavras do professor Ivan Sá, que precisava ser pesquisada, pois muito contribuiu para a área ao ser uma das primeiras museólogas, na década de 1980, a articular educação e acessibilidade nos museus.

Essa informação ficou adormecida. Patricia Machado, uma das autoras deste texto, fez todo o seu percurso de formação voltado para o tema Museologia e Inclusão, trajetória que culmina, inclusive, em pesquisas do assunto, como seu trabalho de conclusão de curso em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ao dar continuidade em suas pesquisas, em nível de pós-graduação, com ênfase nesse tema, as autoras dialogaram de possíveis projetos e a conversa com o professor Ivan Sá foi recordada. Após uma ligação, as conexões ficaram mais enérgicas ao terem conhecimento que Liana Ocampo escreveu uma dissertação sobre cegos nos museus, de pouco conhecimento dos (as) profissionais contemporâneos (as), não a inserindo na historiografia da produção museológica e inclusiva. Seria possível a dissertação ser aquela presenteada pelo professor de braile nos anos 2000? Mais por sorte do que por juízo, a pesquisadora/docente, mesmo se mudando de estado, trouxe

consigo o texto apresentado, mais pelo gesto simbólico do que pelo conteúdo, pois as demandas cotidianas a fizeram esquecer totalmente daquele texto, nunca lido até então. Ao encontrá-lo, deparou-se com a dissertação datilografada de Liana Ocampo, defendida em 1987. Ela passou a ter uma atenção das autoras, convencidas de que há uma cooperação acadêmica e educativa a ser visibilizada na história dos museus e da Museologia. Seu nome, agora conhecido pelas autoras, passou a ser cada vez mais notado, pois é evocado na memória das formas mais corriqueiras: colegas que foram seus alunos comentam a experiência, outros que a tiveram como parceira de projetos nos traçam seu perfil, a referência de um texto nos leva a um evento que a museóloga palestrou, dentre outras. A memória vai nos ditando pequenas pistas e sinais de que, como um quebra-cabeça, apresenta-nos um cenário de dissociação de informações de sua trajetória profissional. Buscaremos, na próxima seção, compartilhar o desafio de encontrar as fontes dispersas, conectar e interpretá-las na intenção de dar ciência de seu engajamento profissional e acadêmico, que inauguraram, no Brasil, a produção e circulação de ideias, que reforçaram a urgência de uma educação em museus de viés inclusivo.

Montando um quebra-cabeça [sem todas as peças]: conhecendo Liana Ocampo

A proposta apresentada pode ser sintetizada em um objetivo norteador: reverter a invisibilização de agentes, que contribuíram para a legitimação dos museus, como espaços de educação e sociabilização, e da Museologia como produtora de conhecimento. Tal movimento exige um percurso metodológico, que fomente o desbravar da produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais desses (as) agentes, uma vez que os rastros documentais referentes às dinâmicas instauradas estão esparsos e exigem um método interpretativo que concentre esses resquícios. Marcadores sociais, quando aplicados, como gênero, tornam a execução metodológica ainda mais desafiadora, pois depara-se com lapsos, hiatos ou mesmo omissões de toda uma atuação profissional. O primeiro desafio da investigação é a localização de fontes. De acordo com Barros (2005, p. 9):

Se qualquer viagem traz consigo uma sensação de novidade e de confronto com o desconhecido, a viagem do conhecimento depara-se adicionalmente com a inédita realidade de que o caminho da Pesquisa deve ser construído a cada momento pelo próprio pesquisador. Até mesmo a escolha do lugar a ser alcançado ou visitado não é mera questão de apontar o dedo para um ponto do mapa, pois este lugar deve ser também ele construído a partir da imaginação e da criatividade do investigador.

A pesquisa, marcada pela valorização das pessoas, tem a própria figura do (a) investigador (a), como peça-chave, para a localização de vestígios pouco explorados (alguns acionados pela primeira vez) e construção de sentidos. Cabe, a esse papel, selecionar, ordenar, conceituar, interpretar e tecer conexões por meio do exercício da escrita. A interpretação dos itinerários é produto do entrelaçamento de fontes e da construção argumentativa.

Mas antes de prosseguirmos, cabe ressaltar o que seria a educação especial/inclusiva no campo museal. Trabalhos referentes na área articulam a inclusão com propostas de exposições e ações educativas a partir das mais diferentes tipologias de museus (científico, de arte, entre outros), para o público com deficiência. Outros como por exemplo de Tojal (2007) se preocupam com a importância de políticas públicas culturais de inclusão para público com deficiência em museus, que prevejam a acessibilidade de forma integrada, tanto aos museus como aos profissionais. Ainda de acordo com Tojal (2007) as ações de acessibilidade são fundamentais para que a inclusão aconteça nos museus, mas quando surgem de forma isolada não garante que o(a) visitante com deficiência seja incluído de forma plena neste espaço. Para conceituação do termo “inclusão”, de acordo com Sasaki (2009, p. 10),

Inclusão, como um paradigma de sociedade, é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações.

No contexto escolar, sobre educação inclusiva temos o documento norteador Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que visa assegurar a inclusão escolar de alunos(as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: “acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior” (p.14). Na perspectiva da educação museal para Política Nacional de Educação Museal (BRASIL, 2018), os museus devem buscar a “acessibilidade plena”, ou seja, buscar a superação das diversas barreiras que dificultam ou impedem o acesso. É de extrema importância que as instituições museológicas atendam de forma plena, independente e desenvolvendo exposições e ações educativas que garantam o respeito e a plena fruição para todos (as). Segundo Braga (2017), a função pedagógica dos museus tem sido fortalecida através de experiências desenvolvidas nas instituições culturais, evidenciando o poder de comunicar que os museus possuem. Assim, o público deixa de ser um mero espectador contemplativo, e assumindo seu papel de protagonista ativo. Porém, cabe ressaltar que o estudo compreende a educação inclusiva a partir dos estudos de Liana Ocampo, ou seja, algumas conquistas hoje alcançadas não eram uma realidade em seu contexto temporal, outras, no entanto já eram pautas consolidadas desde a década 1980, década em que Ocampo defende sua dissertação de mestrado.

Em síntese, Ocampo (1987) apresenta possibilidades para um trabalho educativo nos museus, sendo usado pedagogicamente, seus recursos facilitariam o desenvolvimento do deficiente visual. Defendia, nessa perspectiva, a importância do(a) museólogo(a)-educador(a) e que toda a equipe do museu estabelecesse uma política pedagógica de ação social, para atender todos (as). Desta forma o museu se tornaria de fato um espaço alternativo para educação inclusiva, estimulando o potencial da pessoa com deficiência visual mediante processo de suas relações com o mundo, ao colocar os bens culturais/musealizados a seu alcance.

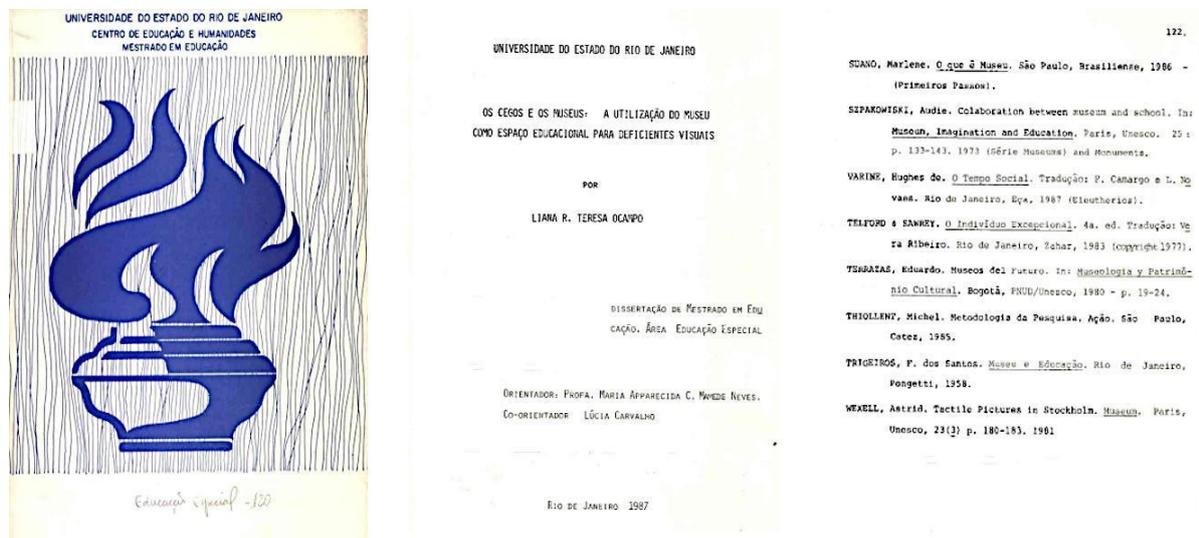
Retomando o nosso quebra-cabeça de pistas, nossa primeira evidência, que as autoras tinham em mãos a respeito de Liana Ocampo, era sua dissertação, intitulada “Os

Cegos e os Museus: a utilização do museu como espaço educacional para deficientes visuais” (1987), em que ela notava a urgência dos equipamentos museais serem acessíveis às pessoas com deficiência. Seu principal argumento era que a finalidade dos museus era a educação. A partir dessa perspectiva, essas instituições seriam um espaço educador para pessoas com deficiência visual. Essa pista é fundamental para nossa pesquisa para traçarmos referenciais teóricos utilizados por Ocampo, sob a perspectiva da Museologia e da Educação, bem como mapearmos leituras realizadas pela profissional que marcam a intersecção das duas áreas do saber. Tendo dois eventos considerados essenciais para essa interlocução, mencionados, inclusive, pela autora, o Seminário Regional da UNESCO Sobre a Função Educativa dos Museus, ocorrido em 1958,⁴ que fomentou diversos debates e iniciativas acerca do tema no Brasil, e a Mesa de Santiago do Chile, em 1972,⁵ que, na defesa da função social dos museus, lançou o conceito de “museu integral”, percebe-se o uso expressivo de bibliografias em línguas estrangeiras (espanhol, inglês e francês) para fundamentar a relação educação em museus com a educação especial, reforçando seu mote “museu como espaço cultural-educativo ao alcance de todos” (OCAMPO, 1987, p. 22) (Figura 1).

⁴ O Seminário Regional da Unesco foi realizado no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna (MAM), entre 7 e 30 de setembro de 1958, na cidade do Rio de Janeiro. Um dos principais objetivos do seminário era, por meio do intercâmbio e da valorização profissional, colaborar para o desenvolvimento dos museus e estimular seus programas e setores educativos (CHAGAS, 2019).

⁵ Popularmente conhecida como Mesa Redonda de Santiago do Chile, o evento, realizado em 1972, na capital chilena, ficou registrado como uma “*Mesa redonda sobre el desarrollo y la importancia de los museos en el mundo moderno*”, sendo marcado por debates em torno da responsabilidade social do museu, de sua função sobre o território e do seu dever de estabelecer interlocuções com a comunidade (SOUZA, 2020).

Figura 1 – Dissertação “Os Cegos e os Museus: a utilização do museu como espaço educacional para deficientes visuais” (1987), com exemplos da bibliografia consultada por Liana Ocampo



Fonte: OCAMPO (1987, p. 122).

A dissertação favoreceu a análise de “jargões” apresentados pela pesquisadora, como por exemplo, ao se referenciar aos visitantes dos museus, utilizou-se do termo “clientela”, que sugere leituras de sua parte relativas às experiências de museus estadunidenses, uma vez que seja um termo mais usual em experiências de Museologia anglo-saxônica. Tal hipótese se comprova ao nos debruçarmos, com novos interesses, na lista de referências da dissertação. A mesma fonte alerta de não rotularmos suas vertentes teórico-metodológicas, pois Liana sinaliza a leitura de um texto alusivo a estudos psicológicos por parte de profissionais soviéticos (Figura 2), ou seja, do Leste Europeu:

Figura 2 – Bibliografia estrangeira consultada por Liana Ocampo

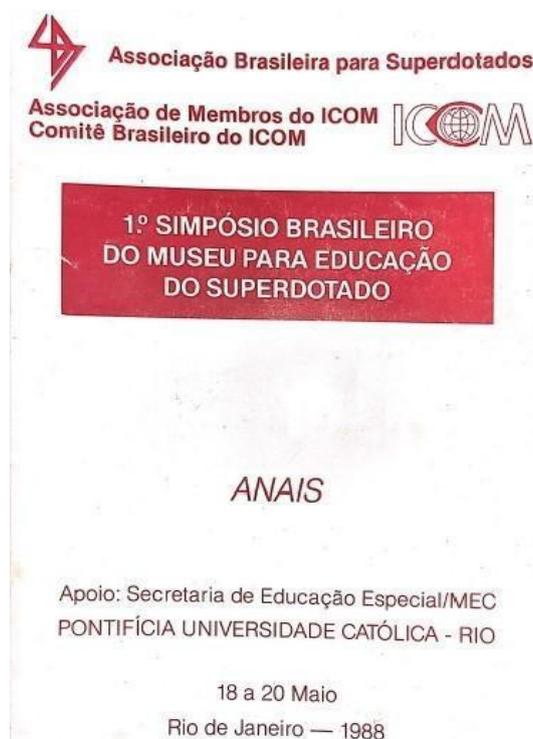
LEÓNTIEV & KEDROV. Experiência única dos psicólogos soviéticos. In: Ciências Sociais na U.R.S.S. Tradução: João Alves Falcato. Portugal, Novo Curso, 1976. p. 9-46 (copyright 1976).

NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS IN WASHINGTON. Arts for the blind and visually impaired. Washington, 1977. (mmg).

Fonte: OCAMPO (1987, pp. 119-120).

Uma vez conhecido o nome de Liana Ocampo, as autoras partiram para uma triagem de textos produzidos por brasileiros (as), no século XX, alguns, que tinham conhecimento, outros, descobertas do processo, acerca de possíveis diálogos entre educação em museus e públicos, com ênfase na inclusão (fazendo a ressalva que o termo está sendo usado nesse texto, não nos de caráter histórico). Foi assim que alcançamos a segunda pista: textos da profissional, que estão disponíveis em um mesmo livro, intitulado “1º Simpósio Brasileiro do Museu para Educação do Superdotado”, organizado pela Associação Brasileira para Superdotados e membros do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM), evento ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 1988, com o objetivo de intercâmbio profissional por meio da reflexão do museu como fonte de conhecimento multidisciplinar para educação do superdotado (Figura 3).

Figura 3 – Anais do 1º Simpósio Brasileiro do Museu para Educação do Superdotado



Fonte: Associação Brasileira para Superdotados (1988). Acervo de Ana Carolina Gelmini de Faria.

No livro, deparamo-nos com importantes relatos de Liana Ocampo para a pesquisa, que descreve suas motivações para o interesse pela educação especial. Em um dado momento, visitou uma comunidade na qual conheceu diversas crianças, com idade entre cinco anos, apresentando dificuldades de aprendizagem. Elas não conseguiam sequer reconhecer a denominação de partes do corpo, mas tinham grande potencial para reverterem esse processo. Isso levou a museóloga ao questionamento de como poderia contribuir para esse desenvolvimento formativo. Esse é um dado de suma importância para compreendermos sua trajetória como defensora de uma educação em museus inclusiva.

A terceira pista, seguindo o critério de publicações produzidas por ela, é um texto publicado nos Anais do I Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado em outubro de 1972, na cidade do Rio de Janeiro, sob o tema “A importância do arquivo e levantamento de documentos históricos no estado de Guanabara”, em que Liana publicou na figura de aluna do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), com outras três colegas. Ou seja, trata-se de um texto, que antecede em mais de uma década, os anteriormente citados, e que ainda não traz uma de suas marcas evocadas na lembrança dos (as) demais agentes museais: o interesse em investigar a função educativa em museus com ênfase no público com deficiência.

Em busca de mais rastros deixados pela museóloga, consultamos bancos de dados, que pudessem recuperar mais publicações científicas, atribuídos a ela, ou trabalhos de terceiros, que haviam a referenciado, como Google Acadêmico, Scielo, repositórios universitários do estado do Rio de Janeiro, entre outros. No decorrer dessas buscas, os dados foram encontrados de formas dispersas em uma citação aqui ou ali em artigos, dissertações ou teses, em sua maioria vinculados ao antigo Curso de Museus do MHN, que a partir de década de 1980, se tornaria o atual Curso de Museologia da UNIRIO, em que Liana foi aluna, diplomando-se em 1973, e, posteriormente docente, no período de 1977 até 2002.⁶

⁶ Pós-aposentadoria ministrou em 2009 no Curso de Licenciatura em Pedagogia - modalidade à distância (UNIRIO/UAB/CAPE), na disciplina optativa Tópicos em Educação Especial. Disponível em

Figura 4 – Liana Ocampo recebendo o diploma na sua formatura



Fonte: Coleção Liana Ocampo. Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (1973).

Entre as buscas, nos repositórios digitais, deparamo-nos com a tese de Débora de Almeida Rodrigues (2015), na qual Liana Ocampo lhe concedeu uma entrevista em 2004, já como professora aposentada da UNIRIO, e que, naquele ano, possuía vínculo com o Instituto Benjamin Constant (objeto de pesquisa da tese), como especialista. Rodrigues (2015, p. 30) assim a define: “Em sua vida acadêmica lutou pela inserção de alunos especiais e se dedicou à introdução de disciplina sobre o tema da Educação Especial na UNIRIO”. Nesse depoimento, que, após nosso contato foi cedida gentilmente por e-mail, em abril de 2022, por Rodrigues, tornando-se a próxima peça do nosso quebra-cabeça, no qual foram feitas diversas perguntas de seu itinerário na esfera dos museus e da educação. De antemão, uma nos chamou a atenção, referente

<<https://youtu.be/pzYdpKyGSaY>>. Em dezembro de 2018 foi homenageada no III Seminário de Pesquisa em Memória da Museologia - Museologia e Memória: revisitando conceitos e sedimentando um campo organizado pelo Núcleo de Memória da Museologia no Brasil com a mesa redonda intitulada “Tributo a Liana Ocampo: Museologia da Libertação, Educação Museal e Acessibilidade”. Disponível: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2206349649585845&set=pb.100057700831070.-2207520000>> Acesso em: julho de 2023.

à nossa primeira pista, sua dissertação. Rodrigues (2015) a questiona se a dissertação “Os Cegos e os Museus” (1987) poderia ser considerada o primeiro trabalho científico na área da Museologia a respeito dessa temática no Brasil. Ocampo respondeu que não sabia ao certo, pois o enfoque de sua pesquisa era na área de Educação Inclusiva e, em concomitante, um trabalho bibliográfico da forma como os museus atendiam pessoas cegas ao redor do mundo. Para Liana, a intersecção dos temas era desafiadora. Criou-se o hábito de montar nos museus, exposições sempre pelo viés visual não abarcando, conseqüentemente, o público com deficiência visual. Soma-se, ainda, em suas palavras, um forte preconceito com as pessoas com deficiência nas décadas de 1980 e 1990, que culminou em práticas de diferenciação nos museus, como realizar visitas guiadas em horários diferenciados e não deixar tocar nos objetos, temendo-se “pegar a doença da cegueira”. Os (as) profissionais das instituições museológicas precisavam da ajuda para atender esse público, mas defendeu, que com os anos 2000, essa visão já se configurava de forma diferente no âmbito museal.

Outra pergunta emblemática foi se Ocampo tinha algum conhecimento, a nível da Museologia, de produção de material especializado. Na formulação da pergunta, Rodrigues sinaliza que seu único conhecimento era o “Museu do Toque”, vinculado à Universidade de São Paulo (USP). Liana responde que deveria haver museus, que possibilitassem o toque em seus objetos do acervo, mas que não poderiam ser um “museu segregado”, ou seja, focado só nas pessoas com deficiência visual. Deveria ser um espaço de todos (as), independente se possui ou não alguma deficiência. Nessa entrevista, de pouco mais de oito páginas, tem-se, por escrito, fragmentos de compreensões de Ocampo em relação à área da Museologia, Educação Inclusiva e suas confluências. Esse registro foi de grande valia para nossa pesquisa visto que podemos delinear suas ideias e conceitos teóricos, durante a transição da década de 1980 (escrita da sua dissertação) até os anos 2000, identificando recorrências ou novas proposições. Percebe-se que a profissional se mantém aliada ao movimento denominado Nova Museologia,⁷ valendo-se de uma citação de Francisca Hernández, que afirma: “o museu

⁷ “A Nova Museologia influenciou amplamente a Museologia dos anos 1980. O seu interesse estava principalmente nos novos tipos de museus concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição

está convertido em um meio educativo chamado a colaborar na transformação da sociedade” (HERNÁNDEZ, 2006, p. 288).

Outro caminho para encontrar pistas da trajetória de Liana Ocampo, foi mapear indícios de seu papel como docente, buscando trabalhos orientados por ela, seja na graduação, especialização ou pós-graduação. Até o momento, conseguimos encontrar dezesseis (16) trabalhos de conclusão de curso, orientados por ela, sendo: seis (6), no curso de Especialização em Educação Especial da UNIRIO,⁸ entre 1997 e 2001; oito (8), no curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, entre 1992 e 2002; e dois (2), do curso de Museologia, um em 1995, e outro, em 2001. Os trabalhos vinculados à Especialização em Educação Especial e à Licenciatura em Pedagogia são todos vinculados à área de Educação Inclusiva, com recortes voltados à formação de professores e à integração escolar e familiar de pessoas cegas, surdas ou com mobilidade reduzida.

Já os trabalhos vinculados ao Bacharelado em Museologia são estudos de caso, a exemplo de uma investigação da tipologia de museus de ciência, e outra, ainda mais específica, da relação entre o Paço de São Cristóvão e o Museu Nacional. Esse quantitativo recuperado em buscas digitais foi uma surpresa, visto que em sua maioria são produções datilografadas e anteriores à prática de inserção dos trabalhos em bases de dados informatizadas. Acredita-se que existam mais trabalhos orientados por Liana Ocampo, contemplando o período de 25 anos de atuação, como docente na UNIRIO, em mais de um curso de formação. Por conta do período em que atuou e não haver a tecnologia que possuímos, a maioria não se encontra disponível no formato digital de livre acesso.

central que ocupavam as coleções nesses últimos: tratava-se dos ecomuseus, dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 62-63).

⁸ Atualmente, esse curso de especialização está dividido em três temáticas: Educação Especial em Deficiência Visual, Educação Especial em Deficiência Mental e Educação Especial em Deficiência Auditiva. Disponível em <<http://www.unirio.br/cead/cursos-de-pos-graduacao-pasta/pos-graduacao-em-educacao-especial>>.

Essas pistas, esparsas, quando conectadas, trazem à tona muitas indagações: quem é Liana Ocampo enquanto profissional mulher do universo museal? Como articular suas muitas atuações? Nessa altura, já identificamos que assumiu, ao longo de sua trajetória, os papéis de estudante, museóloga, pesquisadora e docente (e muitos deles concomitantemente). O livro “Curso de Museus – MHN (1932-1978): alunos, graduandos e atuação profissional”, de Sá e Siqueira (2007), no qual os autores realizam um compêndio das turmas formadas no período de 46 anos, tendo por corte a saída do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional para ser vinculado a uma universidade federal, ajuda a ter indícios, inclusive, pessoais, e uma dimensão, que não pode ser desconsiderada na investigação realizada.

Liana Rubi Teresa de Ocampo era natural de La Paz, Bolívia, nasceu em 28 de janeiro de 1932 e faleceu em 23 de dezembro de 2017. Bacharel em Humanidades pela Universidade Mayor de San Andrés la Paz, graduou-se no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional na Seção de Museus Artísticos, em 1973. Fez especialização em Metodologia do Ensino Superior na Fundação Getúlio Vargas (IESA/FGV-RJ) em 1978, especialização em Educação Brasileira na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 1981, e mestrado em Educação na UERJ em 1987. Tornou-se professora do Curso de Museologia da FEFIERJ/UNIRIO de 1977 até aposentar-se, em 2002. Na década de 1980 foi responsável pela implementação de conteúdos de Educação Especial no Curso de Museologia e, posteriormente, na Escola de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH). No Curso de Museologia ministrou as disciplinas Museologia I (1983-1997), Museologia II (1979-1997); Museologia VI - Técnica em Museus (1977-1978) e Museologia V (1978-1985); Comunicação em Museus I (1996-1997); Comunicação e Educação em Museus (1985-1995) e Pesquisa Museológica - Monografia (1999-2000). Na Escola de Pedagogia ministrou as disciplinas Educação Especial, Fundamentos de Educação Especial, Problemas de Aprendizagem Infantil e Metodologia da Comunicação. Em 1997 foi uma das implementadoras, no Departamento de Fundamentos da Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO (CCH/UNIRIO), do primeiro curso de Especialização em Educação Especial, tendo sido coordenadora de 1998 a 2000. Foi responsável em 1983, juntamente com as docentes Gabriella Pantigoso e Teresa Scheiner, pela especialização intitulada “Curso de Especialização em Ação Educativa e Cultural nos Museus”, com carga horária prevista de 450 horas e em parceria com o Museu Histórico Nacional. No Mestrado em Memória Social e Documento da UNIRIO (anteriormente denominado Administração de Centros Culturais, em

1987, e atualmente, Memória Social), integrou as linhas de pesquisa Memória e Espaço e História e Memória dos Bairros do Rio de Janeiro, tendo ministrado a disciplina Fundamentos Teóricos da Documentação (1989-1995) (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 220-221).

Dessa biografia, pode-se observar que a atuação profissional de Liana Ocampo, como docente, ganha destaque na Museologia (Figura 5), sendo proponente, inclusive, de cursos de formação significativos para a qualificação do (a) profissional museólogo (a). Uma das iniciativas foi o Curso de Especialização em Ação Educativa e Cultural nos Museus. O público-alvo da formação eram os próprios graduados em Museologia, admitindo profissionais oriundos de outras áreas, desde que comprovassem experiência com ações educativas em museus ou instituições congêneres. Como justificativa para a existência do curso de especialização, na época, apontou-se que faltavam aos museólogos conhecimentos especiais de Pedagogia, Comunicação, Didática, entre outros, que possibilitassem a elaboração de projetos adequados (CARVALHO, 2017).

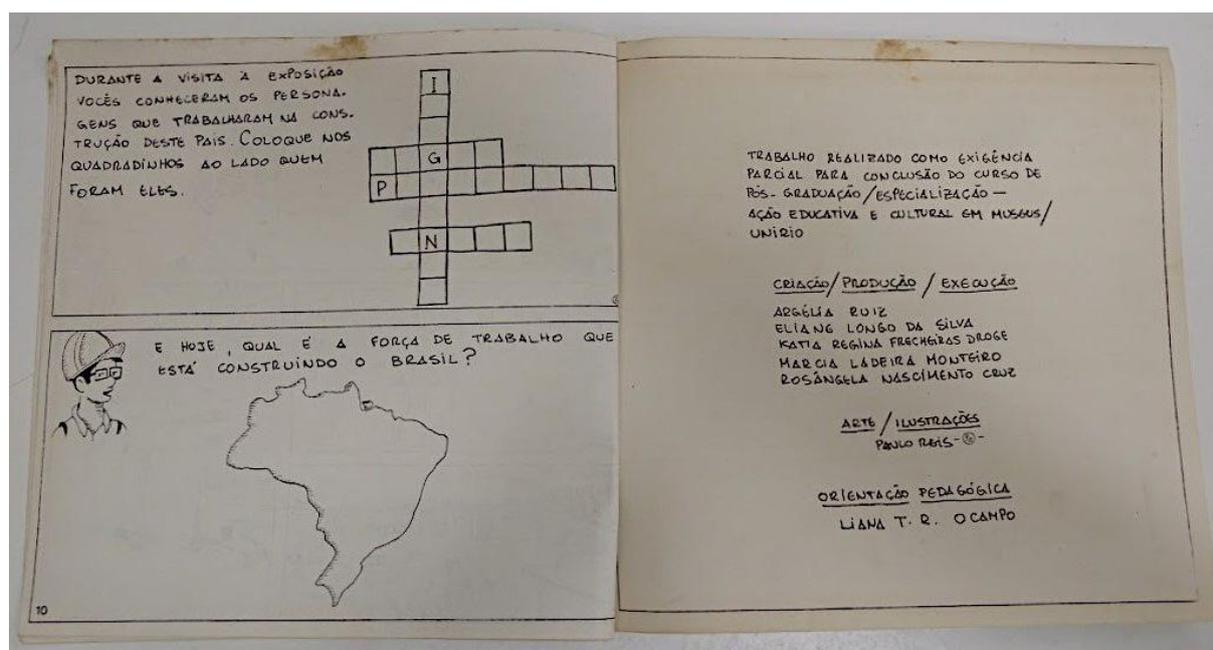
Figura 5 – Liana Ocampo no quadro das galerias de professores (as) do Curso de Museologia



Fonte: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, s.a. Fotografado por Ana Carolina Gelmini de Faria (2018).

Para além das disciplinas da graduação, elencadas no quadro de professores (as) do curso de Museologia, registrado na fotografia da Figura 5, Liana Ocampo ministrava duas disciplinas no Curso de Especialização em Ação Educativa e Cultural nos Museus (Módulo V – Projetos Educativos e Culturais em Museus), que consistia em métodos e técnicas operacionais de educação em museus, com aplicação de um projeto experimental em instituições museais do Rio de Janeiro. A outra disciplina, era a de Orientação em Monografia, que contemplava a orientação da produção de um trabalho monográfico relacionado aos temas do curso por parte dos futuros (as) especialistas. Na Figura 6, pode-se ter um vislumbre de um dos projetos orientados por ela.

Figura 6 – Trabalho desenvolvido na disciplina de Liana Ocampo no Curso de Especialização - Ação Educativa e Cultural em museus



Fonte: Acervo do NUMMUS, s.a. Fotografado por Ana Carolina Gelmini de Faria (2018).

Outra frente de atuação docente, era no Mestrado em Administração de Centros Culturais, atual Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, em que Liana Ocampo foi coordenadora e tinha por finalidade formar recursos humanos para ensino, pesquisa, planejamento, organização, coordenação, controle e avaliação de instituições culturais, priorizando centros culturais. Esse mestrado possuía uma revista,

chamada “Apontamentos – Memória & Cultura”, e, na publicação de 1991, a museóloga publicou um texto intitulado “Curso de Mestrado em Administração de Centros Culturais: esquema conceitual”, citado em um artigo de Vera Dodebei (2011), consolidando as evidências.

As informações dessas duas frentes de atuação docente em cursos de pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*), bem como de graduação em Museologia e Pedagogia, são mais compreendidas ao visitarmos o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS), localizado na UNIRIO, sendo este um espaço físico estratégico para continuidade da pesquisa. Iniciado em 2005, a ideia do Núcleo é constituir uma memória da Museologia brasileira, pelo viés documental, reunindo, tanto registros institucionais, como os guardados pelos próprios agentes museais (SÁ, 2020), a exemplo de Liana Ocampo. Outro espaço para busca de pistas físicas é o Arquivo Central da UNIRIO, pois nem tudo de sua trajetória se encontra concentrado no NUMMUS. Nosso primeiro contato com Arquivo Central ocorreu devido ao desconhecimento de evidências da passagem de Ocampo na Escola de Educação, onde lecionou aulas na Pedagogia, que, ao contatarmos os atuais coordenadores alegaram que nunca “ouviram” falar da docente. Usamos como argumentos comprobatórios de sua passagem pelo curso de Pedagogia os trabalhos de conclusão de curso orientados por ela, encontrados anteriormente nas bases de dados consultadas. Desconhecimento parecido se deu no contato com o Programa de Pós-Graduação em Memória Social, causando certo estranhamento.

Em contato, via e-mail, com as arquivistas do Arquivo Central da UNIRIO, elas cederam, gentilmente, alguns documentos digitalizados, como: a) roteiro de elaboração de projeto de pesquisa do seu mestrado; b) programa das disciplinas: Museologia I - Arquitetura e Administração em Museus; Museologia II - Comunicação e Educação em Museus; Museologia III; Museologia IV; c) curso de extensão “Cidadania, Diferenças e Artes”; “Instituições Arquivísticas: modelos e formas de gerenciamento” e outros cursos vinculados ao Mestrado em “Administração em Centros Culturais”; d) projeto de pesquisa “Museu, a Cidade e os Monumentos”; e) Pesquisa “Museu: órgão complementar da educação”, que realizou com duas museólogas, investigando como o

museu pode e deve influir na educação como processo contínuo de aperfeiçoamento da vida humana, reforçando seu interesse com a educação em museus; f) trabalho realizado para disciplina de Metodologia da Pesquisa, vinculado ao seu mestrado, “Formação profissional do museólogo no Brasil: um perfil para o museólogo brasileiro”, que consistiu em avaliar o currículo do curso de Museologia da UNIRIO para melhor formação profissional do museólogo; e, por último, g) projeto de pesquisa realizado com duas museólogas, intitulado “Estudo comparativo dos perfis comportamentais de entrada e saída dos alunos dos cursos de Museologia da UNIRIO”. Com acesso a esses poucos documentos, pôde-se notar a grande produção, como pesquisadora, de Liana Ocampo, vinculada à UNIRIO, e as pistas foram permitindo explorar seu percurso acadêmico e empírico. A análise desses documentos, e outros, que serão pesquisados *in loco*, no Rio de Janeiro, se dará na futura dissertação, em desenvolvimento.

Todas as pistas aqui apresentadas, no decorrer do artigo, acabam se ligando umas às outras. Para além das dinâmicas acadêmicas, algumas evidências permitem identificar o lado afetivo das relações. Pequenos gestos e comportamentos são mencionados em fontes que citam Liana Ocampo. Elas revelam que a profissional era uma professora querida por seus alunos, o que torna recorrente menções positivas de sua pessoa. Um exemplo é a recordação de Mário Chagas, que foi seu aluno e, após se tornar professor do curso de Museologia, em 1979, participou do corpo docente do Mestrado em Administração em Centros Culturais e curso de especialização Ação Educativa e Cultural em Museus, no texto “No Museu com Charlie Brown”, de sua autoria (CHAGAS, 1994), quando menciona que Liana concedeu uma cópia de uma fita VHS do desenho animado veiculado ao canal SBT, feita para seus netos. Ela foi a responsável por lhe apresentar o caminho até “Charlie Brown”. O texto, produto dessa troca, é uma referência nos estudos museológicos brasileiros.

Mesmo com todas as pistas encontradas ainda temos por conhecê-la. Dúvidas fundamentais ainda ressoam, como qual o motivo dela ter saído do seu país (Bolívia) para residir no Rio de Janeiro e, por consequência, cursar o Curso de Museus (MHN). Quais eventos na área da Museologia Liana participou e organizou? E na área da Educação Inclusiva? Contudo, o panorama, até então constituído, já nos permite traçar

algumas de suas contribuições como museóloga, professora e pesquisadora. Estudar a trajetória de Ocampo, no século XX, é compreender seus efeitos na Museologia contemporânea, que, hoje, considera inegável o exercício de uma educação em museus inclusiva. Visibilizar Liana Ocampo é creditá-la como merece, uma das profissionais pioneiras no meio museal brasileiro, ligada a questões de acessibilidade e inclusão cultural.

Considerações Finais

A Museologia contemporânea compreende que não podemos pensar em público de museus de forma homogênea. São públicos, com toda sua pluralidade. Hoje, essa afirmativa parece trivial, mas ela é produto de um processo de agentes que debateram, pesquisaram e experimentaram estratégias, que desconstruíram a concepção limitadora de museu guardião.

Quem são essas pessoas? Quais suas proposições? Como elas se desdobraram no âmbito museal? Esse é um cenário que carece de investigações. Muitas pessoas compõem a história da Museologia brasileira e, majoritariamente, essas pessoas são mulheres. Seus estudos, argumentos e propostas teórico-metodológicas estão ainda por ser recuperados pelo campo, pois foram essas mulheres que legitimaram os museus como espaços de aprendizado.

Liana Ocampo foi uma das profissionais responsáveis pela gradual ruptura que coube aos museus a responsabilidade de não só preservar objetos, mas de pesquisar e promover o patrimônio na condição de fonte de informação de livre acesso. Vale o desafio de rastrear pistas e conectá-las, dando visibilidade ao importante argumento defendido pela profissional. Para Liana Ocampo, mais do que objetos, os museus ganham sentido pelas pessoas. Esse argumento tornou-se certeza na Museologia do século XXI.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. “A função educativa dos museus” de Bertha Lutz: uma peça (quase) esquecida do quebra-cabeça da Museologia no Brasil. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 123-132, 2013. Disponível em <<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/519>> Acesso em: mai. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA SUPERDOTADOS. Associação de membros do ICOM. Comitê do ICOM. *1º Simpósio Brasileiro do museu para Educação do superdotado*. Rio de Janeiro, 1988.

BARROS, José D’Assunção. *O projeto de pesquisa em História*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRAGA, Jezulino Lucio Mendes. *Desafios e Perspectivas para Educação Museal*. Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 6, n. 12, p. 55-64, 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37340>> Acesso em: julho de 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Ministério da Cultura: Brasília, 2018. Disponível em <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>> Acesso em: julho de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Secretária de Educação Especial/MEC: Brasília, 2008. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>> Acesso em: julho de 2023.

CARVALHO, Luciana Menezes de. *Do Museu à Museologia: constituição e consolidação de uma disciplina*. 2017. 200p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017.

CHAGAS, Mario de Souza. No museu com a turma do Charlie Brown. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 2, n. 2, p. 49-65, 1994. Disponível em <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535>> Acesso em: mai. 2023.

CHAGAS, Mario de Souza. Seminário Regional da Unesco Sobre a Função Educativa dos Museus (1958): sessenta anos depois. In: CHAGAS, Mario; RODRIGUES, Marcus Vinícius Macri (Orgs.). Seminário Regional da Unesco Sobre a Função Educativa dos Museus (1958): sessenta anos depois. *Anais...* Rio de Janeiro: Museu da República, 2019, p. 10-33.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria da Cultura, 2013.

DODEBEI, Vera. Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social?. *DataGramaZero*, v. 12, n. 2, 2011. Disponível em <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7335>> Acesso em mai. 2023.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. *Planteamientos teóricos de la museología*. Gizón: Ediciones Trea, 2006.

LUNZ, Leandro da Silva. Mulher e História: da invisibilidade à sujeito de análise. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 12, n. 23, p. 49-67, 2018. Disponível em <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/7829/4577>> Acesso em: mar. 2023.

NUMMUS. *Núcleo de Memória da Museologia no Brasil*. Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Museologia. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/museologia/laboratorios>

NUNES, Clarice. Letras femininas: missão intelectual de professoras jornalistas na imprensa brasileira. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia (Orgs.). *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES, 2011. p. 163-184.

OCAMPO, Liana Rubi Teresa. *Os Cegos e os Museus: a utilização do museu como espaço educacional para deficientes visuais*. 1987. 150p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1987.

RODRIGUES, Débora de Almeida. *O processo de institucionalização do Museu do Instituto Benjamin Constant: presenças e ausências*. 2015. 274p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015.

SÁ, Isaura Paiva de. *NUMMUS: reflexão conceitual e institucional*. 2020. 114p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2020.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN (1932-1978): alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: Escola de Museologia-UNIRIO, 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, p. 10-16, 2009. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319> Acesso em: julho de 2023.

SEOANE, Raquel Villagrán Reimão Mello. *Reverberando as Musas: perspectivas sobre representatividade feminina nos Museus, na Museologia e no Patrimônio a partir da atuação das egressas do Curso de Museus das décadas de 1930, 1940 e 1950*. 2022. 320p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2022.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan./jun. 2007. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1450>> Acesso em: mar. 2023.

SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN (1932-1978): o perfil acadêmico-profissional*. 2009. 178p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Os museus, as mulheres e a participação no campo de estudos etnológicos no Brasil: aspectos contextuais do início do século XX. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7, n. 13, p. 87-106, jan./jun. 2018. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17776>> Acesso em: mar. 2023.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; QUEIROZ, Marijara Souza. Dossiê Estudos de Museologia e Gênero. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7, n. 13, p. 10-14, jan./jun. 2018. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17776>> Acesso em: mar. 2023.

SOUZA, Mirtes Aparecida Almeida; SALUSTIANO, Dorivaldo Alves. Um olhar sobre a docência feminina e a diversidade. III Congresso Internacional de Educação Inclusiva e da III Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva e Direitos Humanos. *Anais...* Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba; Universidade do Chile, 2018.

SOUZA, Luciana Christina Cruz e. A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o desenvolvimento da América Latina: O papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral. In: *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 64-80, jan/jul. 2020. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/30109>> Acesso em: mai. 2023.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus*. 2007. 322p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://arteinclusao.com.br/publicacoes-artigos>. Acesso em: julho de 2023.

UNIRIO. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Coordenação de Educação a Distância. *Educação Especial*. Disponível em <<http://www.unirio.br/cead/cursos-de-pos-graduacao-pasta/pos-graduacao-em-educacao-especial>> Acesso em: maio. 2023.

Recebido em maio de 2023
Aceito em junho de 2023